

## ALGUMAS NOTAS ACERCA DA PESCA NA ANTIGUIDADE

Por

O. DA VEIGA FERREIRA

Desde os alvares da humanidade que o pescado deveria constituir uma das fontes mais ricas da alimentação. Pouco ou nada se sabe das pescas dos homens do Paleolítico antigo, pois até nós não chegaram instrumentos ou qualquer testemunho que nos garanta haver sido o peixe um dos alimentos desses povos primitivos e quase pré-humanos, mas muito embora se aceite terem sido esses seres quase exclusivamente frugívoros, não se pode excluir a hipótese de, pelo menos, uma ou outra vez, o terem comido.

Alguns arqueólogos pensam que os «coups-de-poing» chamados «línguas-de-gato» serviriam no tempo dos glaciares para os homens dessa época partirem o gelo, nos cursos de água gelados ou nos lagos, a fim de apanharem o peixe que afluía ao pequeno buraco.

Seguramente a partir do chamado Paleolítico superior começam a surgir, indubitavelmente, os primeiros artefactos piscatórios e dessas cenas de pesca, ou pelo menos da importância do peixe como alimento, falam-nos as representações das grutas pintadas da Europa. Também a escultura da época, em madeira de rena, representa, com frequência, peixes, em especial, o salmão (*salmo salar*), a truta (*trutta fario*) e a enguia (*murena anguilla*).

Nesta época, também chamada antigamente a época da rena, apareceram vários instrumentos de pesca. Desde o mais simples, pequena esquirola de osso ponteaguda nos dois extremos, até os grandes arpões

de osso de rena, tudo a arqueologia nos tem revelado por essa Europa. Os primeiros arpões surgem, justamente, nesta época. São normalmente constituídos por pequenos fragmentos de osso de rena afeiçoados com pequenas incisões inclinadas ou direitas e largos entalhes formando uma espécie de denticulações ou barbelas agudas.

Estes instrumentos vão aumentando sucessivamente de tamanho, e, para o fim do período, tornam-se em verdadeiros arpões, como podemos ver no Madalenense final.

No período de transição, ou seja no Mesolítico, temos povos quase exclusivamente pescadores como os dos «concheiros» de Muge e do Vale do Sado, onde os pequenos triângulos retocados com uma forma especial seriam, em nossa opinião, anzóis (1).

No chamado período da pedra polida, e graças às estações lacustres, principalmente suíças, podemos dar mais amplas informações sobre a pesca e seus apetrechos (2).

Talvez o mais antigo anzol, com o aspecto do que seriam mais tarde os de cobre e os de bronze, é o encontrado em Moosseldorf, perto de Berna, que é feito de um fragmento de defesa de javali (3).

No entanto, o anzol mais simples desta época e mais usado é feito num pequeno osso comprido, fino, aguçado nas duas pontas e tendo ao meio uma pequena depressão ou sulco alargado para o ligar ao fio. Anzóis deste tipo foram encontrados nas gruta de Cascais (4).

Na Suíça, a estação que mais peças destas forneceu foi a de Wangen, no lago de Constança (5).

Ao mesmo tempo que os anzóis, as redes, os pesos de rede e os flutuadores começavam o seu reinado nesta época da pedra polida, os grandes arpões continuavam a ser empregados para o pescado grosso, quer nos rios, quer no mar.

---

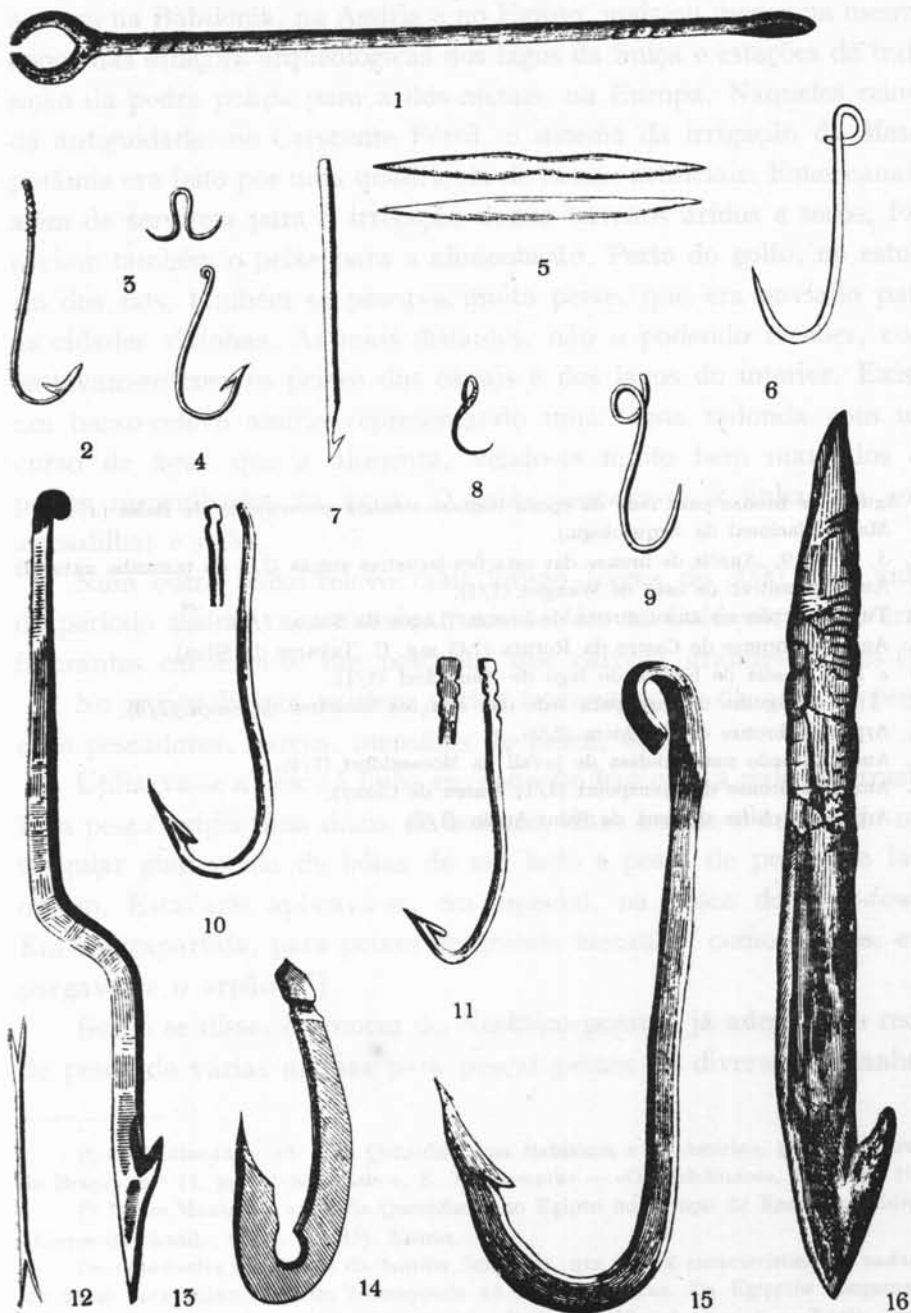
(1) Vide Bibliografia sobre Muge, de Mendes Corrêa, Serpa Pinto, J. Roche e Veiga Ferreira.

(2) F. Troyon — «Habitations lacustres». Lausanne, 1860.

(3) G. de Mortillet — «Origine de la navigation et de la pêche», p. 27. Paris, 1867.

(4) A. do Paço — «As Grutas do Poço Velho ou de Cascais», in *Com. Serv. Geol. de Portugal*, vol. XXII, p. 64, fig. a-e, est. XXI, Lisboa, 1941.

(5) G. de Mortillet — «Origine de la navigation et de la pêche», cit., p. 27.





Abrimos aqui um parêntesis para dizermos algumas palavras sobre a pesca na Babilónia, na Assíria e no Egipto, mais ou menos na mesma época das estações arqueológicas dos lagos da Suíça e estações de transição da pedra polida para a dos metais, na Europa. Naqueles reinos da antiguidade, no Crescente Fértil, o sistema da irrigação da Mesopotâmia era feito por uma quadrícula de canais artificiais. Estes canais, além de servirem para a irrigação desses terrenos áridos e secos, forneciam também o peixe para a alimentação. Perto do golfo, no estuário dos rios, também se pescava muito peixe, que era enviado para as cidades vizinhas. As mais distantes, não o podendo receber, contentavam-se com os peixes dos canais e dos lagos do interior. Existe um baixo-relevo assírio representando uma lagoa redonda com um curso de água que a alimenta, vendo-se muito bem marcados os peixes mergulhados na água. O peixe pescava-se à linha, ou com armadilhas e redes.

Num outro baixo-relevo mais antigo (cerca de 2000 anos antes do período assírio) nos túmulos reais de Ur, na Caldeia, entre vários figurantes encontra-se um pescador que carrega grandes peixes <sup>(6)</sup>.

No antigo Egipto existem várias representações da arte da pesca e de pescadores, barcos, utensílios de pesca, etc.

Utilizava-se a pesca à linha em pequeno barco ou à rede de arrasto. Esta pesca exigia uma dúzia de homens, duas barcas e uma rede rectangular guarnecida de bóias de um lado e pesos de pedra no lado oposto. Esta arte applicava-se, em especial, na pesca do *synodonte*. Em contrapartida, para peixes de grande tamanho, como o latès, empregava-se o arpão <sup>(7)</sup>.

Como se disse, o homem do Neolítico possuía já admiráveis redes de pesca de várias malhas para pescar peixes de diversos tamanhos.

---

<sup>(6)</sup> G. Contenau — «A Vida Quotidiana na Babilónia e na Assíria». (Edições «Livros do Brasil», n.º 11, pp. 51-52). Lisboa; E. Roystonpike — «Os Babilónios». Barcelos, 1966.

<sup>(7)</sup> Pierre Montet — «A Vida Quotidiana no Egipto no Tempo de Ramsés». (Edições «Livros do Brasil», n.º 2, p. 145). Lisboa.

Os *synodontes* são peixes da família *Seluridae*, que têm a característica de nadarem de dorso para baixo. O latès corresponde ao *Lates niloticus*. Os Egípcios chegaram a mumificar este peixe e consideraram mesmo Deuses os Oxyrhyncos e os Latès. Havia no antigo Egipto uma cidade com o nome de Latopolis.

Nas habitações lacustres de Robenhausen <sup>(8)</sup> e de Wangen, que foram incendiadas, conservaram-se, no chão dessas habitações, por incarbonização, restos de cordões, fios de cordas, redes de pesca, cestos, pão e diversas provisões vegetais desses recuados tempos. A malha das redes era quadrada com nó simples ou duplo, tal qual se usa ainda hoje. Todas as redes das cidades lacustres eram de linho bem fiado e tecido. O cânhamo e outras fibras vegetais não eram conhecidas ainda naquela época.

Para o emprego destas redes eram necessários flutuadores e pesos de fundo. Os flutuadores que se conservaram são constituídos por bocados de casca de pinheiro e têm a forma rectangular, quadrangular ou arredondada com um furo a meio para a fixação às redes.

Para pesos de redes, além dos calhaus simples com furação natural, havia-os de barro cozido com variadas formas e de diversos tamanhos.

Na primeira época dos metais até o final da época do bronze, onde o emprego desta liga já era corrente, não se conhecem restos de redes mas existiram, certamente, pois encontram-se os flutuadores e pesos de fundo em várias estações da Europa. Em Varèse <sup>(9)</sup>, nas turfeiras de um lago vizinho da povoação, foram encontrados muitos objectos de bronze e também pequenas rodela de madeira com perfuração central e pequenos rectângulos com os cantos arredondados também com a mesma perfuração que, certamente, serviram para flutuadores de redes de pesca.

No entanto, pela qualidade de conservação do material, o que abunda nesta época são os anzóis de cobre e de bronze.

Na Suíça, em quase todas as estações da época dos primeiros metais, aparecem destes utensílios de pesca. Todas as colecções têm uma grande representação destas peças. Eles são constituídos por uma haste com curvatura numa das pontas e com ou sem barbela. Na parte onde se ata o fio de pesca ou o «empate» há-os com argola ou com patilha e chanfros. Alguns destes anzóis são duplos, como os das

(8) G. de Mortillet — «Origine de la navigation et de la pêche», cit., p. 30.

(9) Idem — «Op. cit.», p. 32.

«polveiras» de hoje ou «caranguejeiras» actuais. O tamanho varia muito, encontrando-se desde muito pequenos até muito grossos e grandes. Têm sido encontrados restos de anzóis com um centímetro de diâmetro no corpo.

Em Portugal, os anzóis nesta época, isto é, desde o Eneolítico à Época do Bronze, não são muito abundantes. Todavia, foram encontrados exemplares no Castro de Chibanes e no da Rotura, em Setúbal<sup>(10)</sup>. Também aqui foram encontradas agulhas de rede. Na colecção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal existe um belo exemplar de anzol de cobre proveniente do Castro da Columbeira, no Bombarral<sup>(11)</sup>.

Entre os anzóis de bronze é sempre possível encontrar, não pertencentes à verdadeira Idade do Bronze, mas à Época de Hallstatt, que é a 1.ª Idade do Ferro, e mesmo outros mais recentes, porque não somente os Romanos se serviram dos anzóis de bronze mas o seu uso continuou pelos tempos fora.

Em Portugal foram encontrados anzóis e agulhas da rede da Idade do Ferro com influências grego-púnicas, em Alcácer do Sal<sup>(12)</sup>.

No Museu Municipal da Figueira da Foz — Doutor Santos Rocha — existem pesos para rede feitos de fragmentos de grandes ânforas encontrados no Castro de Santa Olaia, que apresenta no seu material influências púnicas

Na época romana os achados são muito abundantes em Portugal. Assim, indicamos agulhas de rede e anzóis no Castro da Rotura, anzóis de bronze em Olhão, Nave, concelho de Silves, Alcoutim, Faro (Largo da Sé), Milreu (Estói), onde apareceram anzóis de bronze e de ferro

---

<sup>(10)</sup> C. Tavares da Silva — «O Povoado Pré-Histórico da Rotura — Nova Contribuição para o seu Estudo», in *Arquivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV. Beja, 1966-1967; Vítor dos Santos Gonçalves — «O Castro Pré-Histórico da Rotura — Novos Elementos para o seu Estudo», in *IV Colóquio Português de Arqueologia*. Porto, 1965. Agradecemos também a Vítor Gonçalves e Tavares da Silva a informação dos últimos achados de anzóis no mesmo castro.

<sup>(11)</sup> Recolhido por nós numa das visitas ao Castro da Columbeira na companhia de Jorge de Almeida Monteiro, Vera Leisner e H. Schubart.

<sup>(12)</sup> Na necrópole de Alcácer do Sal foram de facto encontrados anzóis e agulhas para fazer rede, assim como moedas com a effigie do famoso hipocampo ou cavalo-marinho. Estas moedas têm legendas ibero-turdetânicas.

e agulhas de osso para rede. Citamos ainda Budéns, na Boca do Rio, Praia das Salemas, Sagres, Murtinhal, Lagos, etc., que deram anzóis de bronze. Em Tróia foram encontrados anzóis de bronze e de ferro, pesos de barro de vários tipos, pesos de xisto e contas tubulares de barro para rede (13).

Não eram somente os peixes os únicos animais marinhos, fluviais ou lacustres procurados nos tempos antigos; apanhavam-se também muitas conchas e havia mesmo povos, como os pescadores e caçadores de Muge, que deixaram verdadeiras montanhas de restos de conchas que constituem hoje os chamados concheiros mesolíticos de Muge. Não só em Muge se observam os restos desses comedores de mariscos, mas também na Dinamarca, na Bretanha, nas Astúrias, no Brasil, no Norte de África, etc.

Nas estações lacustres não foram encontrados somente os utensílios de pesca atrás mencionados, mas também restos do pescado que os cientistas classificaram. Assim, podemos afirmar que os habitantes das cidades lacustres da Suíça comiam: *Salmo salar* (salmão), *Esox lucius* (lúcio), *Cyprinus carpio* (carpa), *Perca fluviatilis* (perca), *Lota vulgaris*, *Scardinius erythrophthalmus*, *Chondrostoma nasus*, etc. (14).

A pesca era, pois, uma das principais ocupações destes antigos povos. Com efeito, encontram-se abundantes restos de conchas e de peixes nesses amontoados pré-históricos. Para os concheiros estrangeiros apontamos: o arenque (*Clupea harengus*), o badejo (*Gadus calla-*

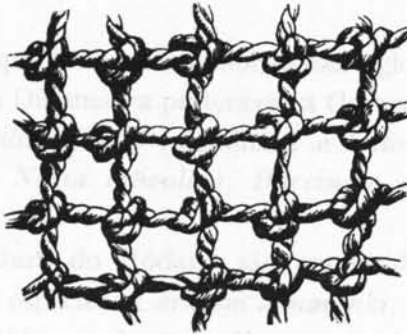
(13) A bibliografia sobre as estações romanas ou lusitano-romanas do Algarve é já muito vasta. Citamos apenas algumas obras fundamentais, tais como: Estácio da Veiga — «Antiguidades monumentaes do Algarve», vols. I-IV. Lisboa, 1886-1891; J. Leite de Vasconcellos — «Religiões da Lusitânia», vol. II. Lisboa, 1905; A. Mesquita de Figueiredo — «Contribuição para a história da pesca em Portugal na época luso-romana», in *Archeólogo Português*, vol. IV, n.º 1-6. Lisboa, 1898; Idem — «Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le littoral Sud de Portugal», in *Bull. Hispanique*, t. VIII, n.º 2, p. 112. Bordeus, 1906; Mário Lyster Franco — «A Pesca do atum na Costa do Algarve — Achega para a sua História», in *Indústria Portuguesa*, n.º 224, separata do «Correio do Sul». Faro, 1947. O. da Veiga Ferreira — «Algumas Considerações sobre as fábricas de conservas de peixe da antiguidade encontradas em Portugal», in *Arquivo de Beja*, vols. XXIII-XXIV. Beja, 1967.

(14) J. Lubbock — «Note sur les anciennes habitations lacustres de Suisse».





17



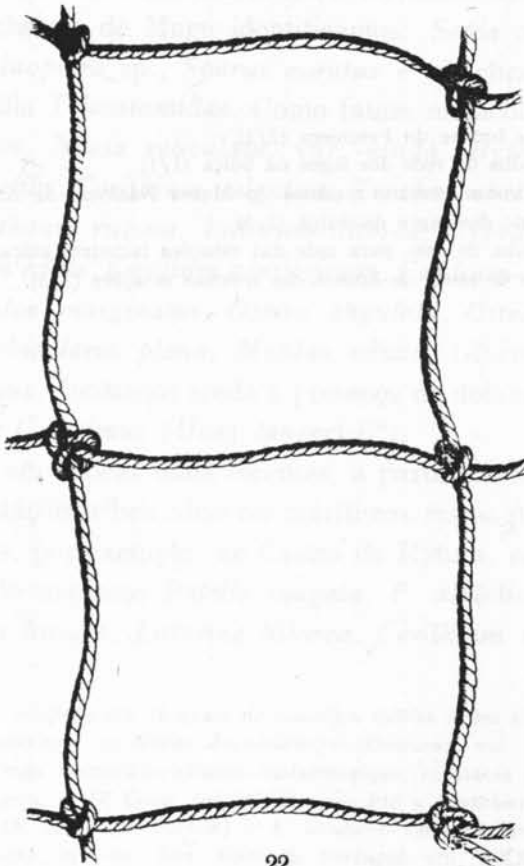
18



19



20



21

22



23



24



25



rias), o linguado (*Pleuronectes limanda*), a enguia (*Murena anguilla*), etc.

As conchas que formam o maior desses aglomerados ou concheiros da Bretanha e da Dinamarca pertencem a *Ostrea edulis*, *Cardium edule* (berbigão), *Mytillus edulis* (mexilhão) e *Littorina littorea* (litorina). Juntamos ainda *Nassa reticulata*, *Buccinum undatum* e *Venus palustris*.

Na embocadura do Ródano são conhecidos também concheiros com as seguintes espécies: *Cardium lamarchki*, *Arca barbata*, *Trochus articulatus*, *Cerithium vulgatum*, *Nassa reticulata*, etc. (15).

Nos concheiros das Astúrias a forma mais abundante é o *Mytilus edulis*, assim como nos concheiros norte-africanos são os *Helix*.

Nos concheiros de Muge identificamos: *Sepia officinalis*, *Myliobatis* sp., *Rhinoptera* sp., *Sparus auratus* e vértebras de um grande peixe da família *Teleostomidae*. Como fauna malacológica indicamos: *Cassis saburon*, *Nassa reticulata*, var. *nitida*, *Bythinia tentaculata*, *Neritina fluviatilis*, *Cerithium vulgatum*, *Trochocochelea lineata*, *Natica hebraea*, *Easthonia rugosa*, *Littorina littorea*, *Cypraea (trivia) europaea*, *Cardium edule*, *Cardium norvegicum*, *Cardium echinatum*, *Tapes decussata*, *Solen marginatus*, *Ostrea angulata*, *Ostrea edulis*, *Ostrea stentina*, *Scrobicularia plana*, *Mytilus edulis*, *Glycimeris glycimeris*, *Pecten maximus*. Juntamos ainda a presença de dois crustáceos: *Carcinus moenas* e *Gelasimus (Uca) tangeri* (16).

Também em épocas mais recentes, a partir do Eneolítico, encontram-se em estações ribeirinhas ou marítimas restos de alimentação de pescado, como, por exemplo, no Castro de Rotura, onde se assinalam como restos de mariscos *Patella vulgata*, *P. athletica*, *P. lusitanica*, *Trochocochelea lineata*, *Littorina littorea*, *Cerithium vulgatum*, *Cassis*

(15) A. Gory — «Note sur un amas de coquilles mêlées à des silex taillés signalé sur les côtes de la Provence», in *Revue Archéologique-Matériaux*, vol. I, p. 535.

(16) O. da Veiga Ferreira — «Fauna malacologique, crustacés et poissons de Moita do Sebastião (Muge)», in *IV Cong. Int. de Ciencias Pré y Protohistóricas*. Madrid, 1954. Zaragoza, 1956; O. da Veiga Ferreira e J. Roche — «Nota sobre a Estratigrafia dos Concheiros de Muge», in *Com. Serv. Geol. de Portugal*, vol. XXXVIII. Lisboa, 1957; Idem — «Les fouilles récents dans les amas coquilliers mésolitiques de Muge (1952-1965)», in *Arqueólogo Português*, I vol., 3.ª série. Lisboa, 1968.

*saburon, Trinton nodiferous, Murex brandaris, M. trunculus, Nassa reticulata, Glycimeris glycimeris, Mytilus edulis M. galloprovincialis, Pecten maximus, Chlamys varia, Ostrea edulis, Lopho angulata, Cardium edule, Cardium norvegicum, C. tuberculatum, Meretrix chione, Venus verrucosa, Tapes decussatus, Solen marginatus, Mya arenaria e Pholas dactylus.*

Como peixes indicamos: *Pagrus vulgaris, Pagellus centrodontes* e *Merluccius vulgaris*, e por último, como crustáceos: *Maia squinado, Palinurus vulgaris* e *Homarus vulgaris* (17).

De qualquer forma é em épocas mais recentes que a indústria da pesca tomou grande incremento e importância.

Sabe-se que, por exemplo, no Algarve a pesca do atum e suas variedades remonta ao tempo dos Cartagineses e as notícias dessas pescas vieram até nossos dias, estando hoje seguramente averiguado que a indústria da pesca, principalmente dos tunídeos, continuou um dos mais prósperos negócios das feitorias púnicas na Península (18).

De facto, ao longo de toda a costa meridional mediterrânica, desde Cartago-a-Nova até ao *Promunturium Sacrum* (cabo de S. Vicente) e passando ao litoral atlântico até à região de Tróia, na embocadura do Sado, e a Areia, na embocadura do Tejo, ficaram célebres os entrepostos de pesca naquela época. Podemos apontar Gades ou Gadir, Bailom (Bolónia), a partir de Tarifa, Carteira, junto de Algeciras, Malaka (Málaga), Sexi (Almuñecar) e os vários estabelecimentos das fábricas de *Salsamentum* e do *Garum*, desde Cacela, a todo o litoral algarvio, e até Tróia, em Setúbal.

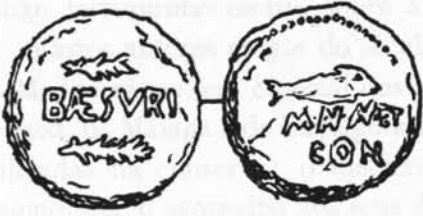
Segundo vários autores, os produtos da salga de peixe foram conhecidos na própria Atenas já no século V a. C.

Marcial (19), que era peninsular, nascido e morto em Bilbilis, deixou-nos as melhores referências ao *Garum* peninsular, assim como

(17) C. Tavares da Silva — «Fauna Malacológica do Castro da Rotura», Setúbal, 1963.

(18) Antonio Garcia y Bellido — «La industria pesquera y conservera española en la antigüedad», in *Investigación y progreso*, ano XIII, n.º 1-2, p. 1 e segs. Madrid, 1942.

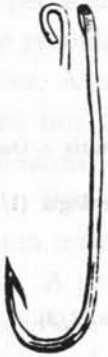
(19) Adolfo Schulten — «Bilbilis, la patria de Marcial», *Epigramas*, XIII, 40. Saragoça, 1934.



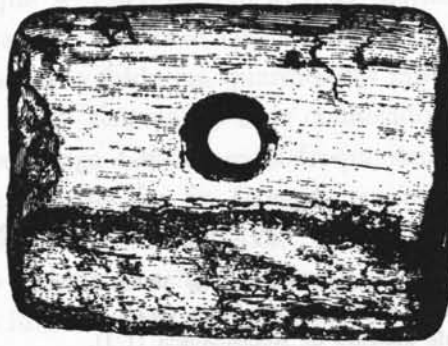
26



27



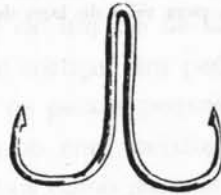
28



29



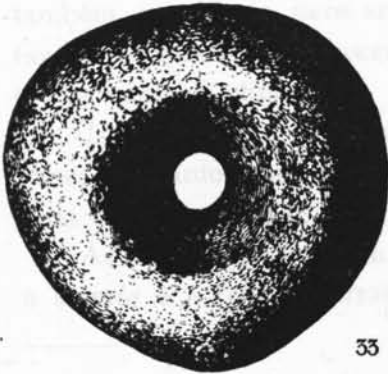
30



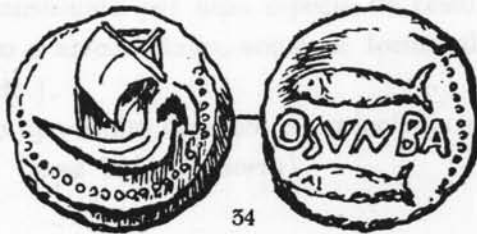
31



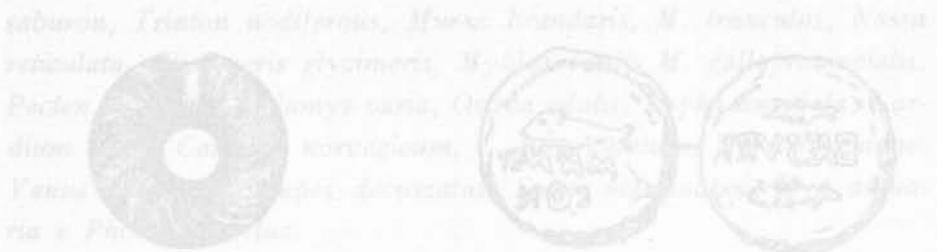
32



33



34



Como peixes indistintos: *Pagrus vulgaris*, *Pagrus auratus*, *Merluccius vulgaris*, e por último, como crustáceos: *Homarus gammarus*, *Palaeomonetes pugio* e *Homarus gammarus* (?).

De algumas peças, especialmente da grande, que se encontra na parte superior esquerda da placa, pode-se dizer que, apesar das dificuldades mencionadas, a impressão de uma peça, vieram ao conhecimento do autor.

- 26 e 34. Moedas lusitano-romanas com a efígie de peixes (tunídeos) (Baesuris e Ossónoba, 1/1).  
 27. Peso de barro para rede lusitano-romano do Museu Nacional de Arqueologia (1/4).  
 28. Anzol de bronze do lago Neuchâtel, na Suíça (1/1).  
 29. Flutuador da casca de pinheiro de Robenhausen (1/1).  
 30 e 31. Anzóis duplos de bronze do lago de Neuchâtel (1/1).  
 32. Haste de bronze que poderia servir de anzol duplo direito (lagos da Suíça, 2/3).  
 33. Peso de pedra para rede do lago de Neuchâtel (1/1).

peças de peixe, na qual se vê, sobretudo, a efígie de um peixe, talvez um *Pagrus*, Baesuris (Baesuris), e por último, como crustáceos: *Homarus gammarus*, *Palaeomonetes pugio* e *Homarus gammarus* (?).

Segundo várias fontes, os produtos da pesca, especialmente os crustáceos, eram muito apreciados.



Em alguns locais, a pesca de peixes, especialmente de tunídeos, é muito importante.

Eupolis, que viveu entre os anos 466 a 411 a. C., e que nos dá o mais antigo testemunho escrito sobre a pesca nesta época.

Vários autores gregos do século II nos falam das pescas nas costas do Mediterrâneo, em especial dos tunídeos. Estrabão <sup>(20)</sup> cita as salgas de Sexi, de Málaga e de Cartago-a-Nova; Ateuco, que nos diz das partes utilizadas na conserva; o médico Hicésio e até o próprio e famoso Galeno, que o aconselha aos seus doentes, e, por último, Apiano, poeta grego do século II a. C., que na sua obra *Haliêutica* <sup>(21)</sup> leva ao pormenor de citar e descrever o próprio sistema de pesca, falando de armadilhas de rede que se estendiam pelo mar dentro e em certa altura se fixavam formando casas com vestíbulos, portas e câmara por onde o peixe entrava e era colhido em quantidades fabulosas, no que é fácil de reconhecer o nosso sistema de hoje conhecido pelo nome de *armadilhas*. A pesca na antiga Grécia, mais frequentemente do que a caça, era um ofício e sabe-se que os Gregos, em especial os Atenienses, comiam, habitualmente, muito peixe.

Será preciso esperar por Apiano, como se viu, para ver consagrar num tratado em língua grega a arte da pesca.

A pesca com anzol ou pesca à linha, mencionada por Platão, praticava-se como actualmente por meio de uma cana de pesca, que se compunha geralmente de um junco e de um fio de linha ou de uma crina à qual se atava um flutuador de cortiça, um pedaço de chumbo e um anzol. Preparavam o isco para os peixes pequenos com vermes e insectos, e para os grandes faziam-no com peixitos. Empregavam também, como hoje, iscos artificiais, tais como moscas fabricadas com fios de lã vermelha. O processo da linha de fundo, sem cana de pesca, era já também utilizado.

Usavam uma armadilha constituída por uma espécie de cesto de vime, que tanto podia ser largo e arredondado, como de forma alongada e bicuda (nassa, côvo, etc.).

As redes de pesca eram de tipo muito variado. As principais eram a *tarrafa* e a rede de arrasto (*sena* ou *chinchorro*).

---

<sup>(20)</sup> Estrabão — «Geographia», III, IV, 6. Versão de Gabriel Pereira, Évora, 1878

<sup>(21)</sup> Appiano — «Haliêutica», III, 620.

Outro processo utilizado pelos Gregos era a *almadrava* ou *armação*, como ainda hoje se utiliza no *copejo* do atum, no Algarve.

A pesca a arpão ou fisga ou fisgote empregava-se da mesma maneira que hoje se pratica.

Na pesca do atum há relatos muito precisos sobre essa faina: «Os vigilantes observam a entrada dos atuns na armação e impeliam os peixes para dentro da rede até à câmara do copejo e uma vez os atuns dentro do cêrco de barcas e à flor da água eram trespassados pelos tridentes ou abatidos a golpes de arpão.»

Finalmente, os Gregos praticavam também a pesca ao candeio ou do navio iluminado, que Appiano nos descreve da seguinte forma: «Se certos peixes se pescam ao romper do dia, outros apanham-se à noite; quando esta começa a cair, os pescadores acendem um archote e, guiando a sua fina barca, levam a sombria morte aos peixes incautos: alegrados com a chama resinosa do pinheiro, estes saltam em torno da embarcação para admirar essa luz fatal da noite, vindo a oferecer-se aos golpes de um tridente implacável.»<sup>(22)</sup>

Por este relato se vê da importância do pescado nos mares da antiga Grécia. Os Romanos, que se lhe seguiram, intensificaram ou industrializaram, como, aliás, era seu hábito, a pesca e, assim, em Portugal, a partir das explorações do benemérito arqueólogo algarvio Estácio da Veiga, começou a surgir todo um manancial de ruínas de estabelecimentos de pesca e de artefactos para o seu uso.

No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Dr. Leite de Vasconcelos, em Belém, encontra-se a maior colecção de utensílios de pesca existente em Portugal. Os anzóis, em especial, são o exemplo mais frisante dessa longínqua actividade piscatória. Todos são de cobre ou de bronze, com a excepção de alguns de grande tamanho, que são já de ferro. Há dois tipos de anzóis: um, farpado, semelhante aos actuais; outro, sem farpa, simplesmente aguçado na extremidade

---

<sup>(22)</sup> Robert Flacelière — «La vie quotidienne en Grece». Librairie Hachette. Paris; Appiano — «Haletética», IV, 640-646.

— Eduino Borges de Garcia — «Estudo de anforetas encontradas nas costas atlânticas e mediterrânicas de Portugal, Espanha e França». *Cadernos de Etnografia*, 3, Barcelos, 1968.



menor, semelhante a outros da Idade do Bronze. De um modo geral, constam de uma haste de metal mais ou menos de secção cilíndrica, recurva, que forma dois ramos desiguais, o maior dos quais tem a extremidade levemente achatada a fim de receber a linha (o *empate*) e o menor é farpado ou simplesmente aguçado. O seu tamanho varia muito, havendo desde o pequeno anzol de 18 mm de comprimento até os 72 mm, o que pressupõe a ideia de se pescarem peixes de todos os tamanhos

Nas colecções do Museu existem representados todos os concelhos do Algarve, assim como o de Setúbal, com a grande colecção de Tróia (23).

O Algarve não nos oferece só este tipo de utensílios de pesca. As agulhas de bronze de fazer rede também aparecem, assim como os pesos de chumbo (chumbadas). Também existem pesos de barro para rede de forma de discóide e oblongos. Noutros Museus, como os do Algarve, da Figueira da Foz, Alcácer do Sal e colecções particulares encontram-se anzóis, pesos para rede, agulhas de fazer rede, etc. (24).

A confirmar a importância da pesca nessa época lusitano-romana está a frequência com que representavam peixes diversos em mosaicos pinturas e, em especial, nas moedas.

De resto, os dois atuns e um barco figuram nas moedas lusitano-romanas de Ossónoba (Faro), um peixe e duas espigas nas moedas de Baesúris (Castro Marim), etc. (25).

Segundo Appiano, os Cónios (antigos habitantes do Algarve) eram um povo que, depois de Heródoto de Heracleia que viveu no século V a. C., habitava no actual Algarve ou antigo Cyneticum, país

---

(23) Todo o material proveniente das cetarias de Tróia continua por publicar, com manifesto prejuízo da arqueologia peninsular.

(24) Últimamente, quando das explorações numa gruta do Vimeiro, o empresário das Termas e meu amigo Sr. Joaquim Belchior, mostrou-me alguns pesos de barro de forma cónica encontrados nas antigas aluviões do Porto Novo, na foz do rio Lisandro, que podem ser da época lusitano-romana.

(25) Vide numária ibérica em Portugal e em especial os estudos seguintes: Vives y Escudero — «La moneda hispánica». Madrid, 1924-1926; J. Leite de Vasconcellos — «Las monnaies de la Lusitanie portugaise», in *O Archeologo Português*, vol. VI, p. 81 e segs. Lisboa, 1901.

dos Cuneus ou Cynetes = Cónios, e no ano de 151 já eram súbditos de Roma. Nos achados arqueológicos que vão desde Cacela à Boca do Rio deviam ter estabelecido os seus tanques de salga, que André de Resende considerou de origem púnica; Estácio da Veiga supôs de carácter pré-romano e Hübner atribuiu origem fenícia <sup>(26)</sup>, todos aliás de acordo com o grande Mestre Garcia y Bellido, que diz ser a origem da salga de origem púnica ou peninsular, sendo depois altamente industrializada com a vinda dos Romanos à Península <sup>(27)</sup>.

Assim, não nos admira que as moedas consideradas pré-romanas tenham a effigie de peixes em caracteres fenícios, como as de Asido, Oba, Bello, etc., ou com legenda latina, como as de Lartigi, Lipense, Isle, Caura, Myrtilis, Cimbaria, Aipora, Baesuris, Ossónoba, etc. <sup>(28)</sup>.

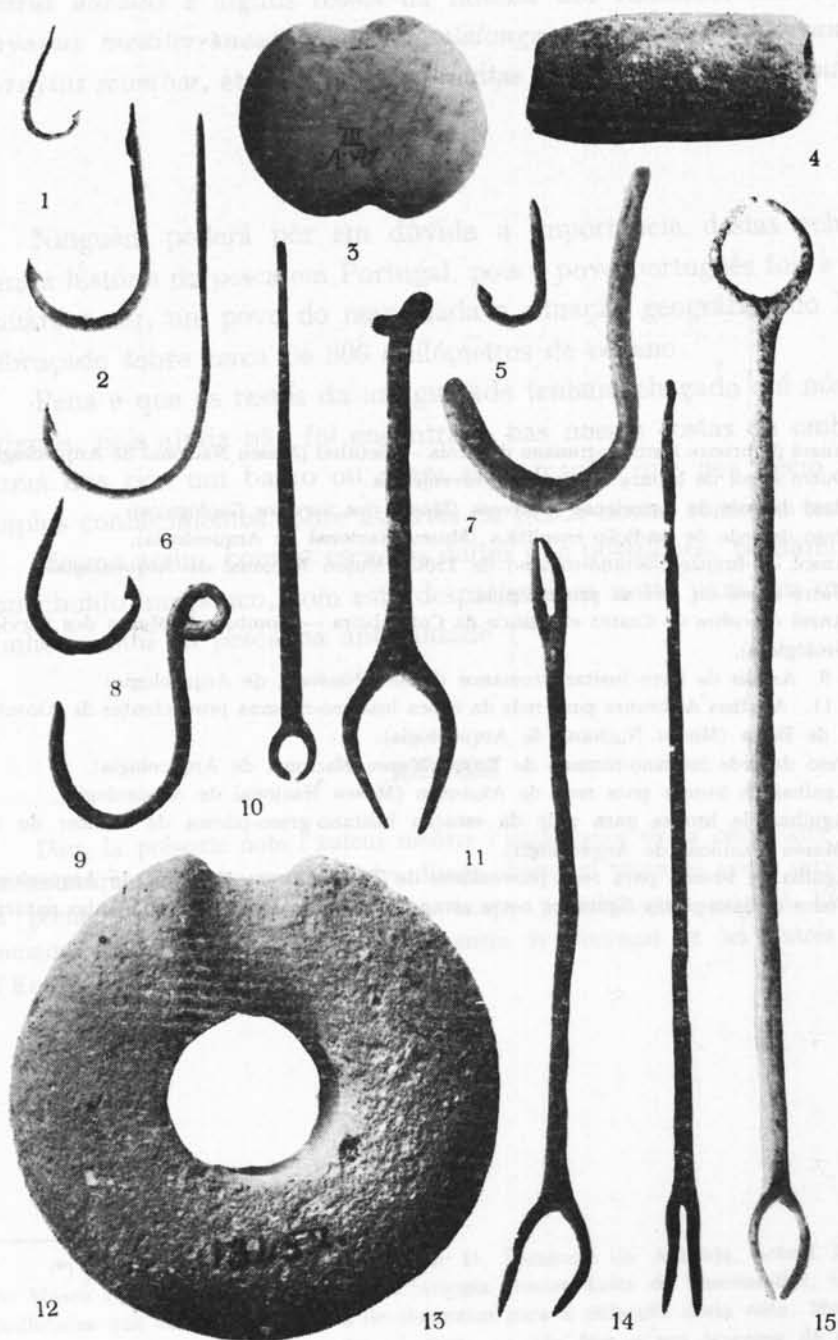
Nas estações de pesca lusitano-romanas peninsulares têm sido encontrados restos abundantes de moluscos e de peixes que ainda não foram suficientemente determinados. No Museu Nacional de Arqueologia pudemos classificar já alguns moluscos encontrados em Tróia, tais como: *Triton*, *nodiferous*, *Purpura haemastoma*, *Trochocochelea lineata*, *Murex trunculus*, *Murex erinaceus*, *Cerithium vulgatum*, *Murex brandaris*, *Nassa reticulata* var. *nitida*, *Cassis saburon*, *Patella coerulea*, *Easthonia rugosa*, *Glycimeris glycimeris*, *Pecten maximus*, *Venus verrucosa*, *Meretrix chione*, *Venus multilamella*, *Donax elegans*, *Chlamys varia*, *Chlamys multistriata*, *Chlamys flexuosa*, *Lutraria oblonga*, *Ostrea edulis*, *Lopha angulata*, *Cardium tuberculatum*, *Mytilus gallo-provinctialis*, *Lucina divaricata*, *Tapes decussata*, *Solen marginatus*, *Mytilus edulis*, *Cardium edule*, *Cardium norvegicum*, *Panopaea glycimeris*.

Há muitos restos de peixes encontrados nos tanques de salga, mas ainda não os pudemos determinar todos por dificuldades de material de comparação, que não há. Podemos, no entanto, já mencionar

<sup>(26)</sup> H. Hübner — «La arqueologia de España (y Portugal)», pp. 223 e 224. Barcelona, 1888.

<sup>(27)</sup> A. Garcia y Bellido — «La industria pesquera y conservera española en la antigüedad», cit, p. 5.

<sup>(28)</sup> Michel Ponsich et Miguel Tarradel — «Garum et industries antiques de salaison dans la Méditerranée occidentale», in *Presses Universitaires de France*. Paris, 1965.





*Sparus auratus* e alguns restos da família dos tunídeos, tais como: *Thynnus mediterraneus*, *Thinnus alalonga*, *Scomber mediterraneus*, *Cordylus scomber*, etc. Há também muitas vértebras de *Teleostomidae*.



Ninguém poderá pôr em dúvida a importância destas achegas para a história da pesca em Portugal, pois o povo português foi, e continuará a ser, um povo do mar, dada a situação geográfica do País, debruçado sobre cerca de 800 quilómetros de oceano.

Pena é que os restos da antiguidade tenham chegado até nós tão exíguos, pois ainda não foi encontrado nas nossas costas ou embocaduras dos rios um barco ou outra embarcação que nos dêem mais amplos conhecimentos sobre as artes da pesca nesses remotos tempos.

Mesmo assim, com os escassos dados que possuímos, pensamos ter contribuído um pouco, com esta despreziosa nota, para um melhor conhecimento da pesca na antiguidade <sup>(2º)</sup>.

#### RÉSUMÉ

Dans la présente note l'auteur montre l'importance de la pêche aux temps préhistoriques et passe en revue des divers objets ou utensiles ayant servi pour la pêche des mollusques depuis les temps paléolithiques jusqu'à l'époque romain, établissant une comparaison entre le Portugal et les autres Pays d'Europe e du Proche Orient.

---

<sup>(2º)</sup> Agradecemos ao Sr. Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, actual Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcellos, todas as facilidades que nos deu na recolha de elementos para a redacção desta nota. Muito embora trabalhando como Conservador ajudante, se não fora a sua largueza de espirito, nunca poderia ter estudado alguns materiais inéditos daquele Museu Nacional.

